

ra o capítulo com as palavras do Salvador: “No mundo tereis tribulações, mas tende coragem, Eu venci o Mundo!” (Jo 6, 33).

A leitura deste livro será certamente muito profícua para os sacerdotes, mas também para os que desejam enriquecer a vida de piedade, a prática da devoção

Eucarística, ou simplesmente para saber servir melhor a Igreja.

Rodrigo Alonso Solera Lacayo, EP
(Professor – ITTA, com a colaboração de Marcus Vinícius de Oliveira Rosa)

MATTER, E. Ann; SMITH, Lesley (ed.). *From Knowledge to Beatitude: St Victor, Twelfth-Century Scholars, and Beyond. Essays in Honor of Grover A. Zinn, Jr. Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 2013, xxiii+471p. ISBN: 978-0-268-03528-0.*

From Knowledge to Beatitude é uma obra essencial para quem deseja conhecer a teologia mística do século XII, e em particular a escola de St. Victor. Lançado em 2013 pela Universidade de Notre Dame, Indiana, o volume é dedicado, como o próprio título indica, a Grover A. Zinn Jr., professor emérito da Universidade de Duke (EUA), especialista renomado da escola victorina. Com efeito, tem desempenhado um papel fundamental na promoção da cultura intelectual e religiosa da abadia de São Victor. Este volume em sua homenagem reúne uma gama distinta de colaboradores, muitos dos quais se dedicam a autores victorinos. O volume contém dezessete ensaios, uma lista de publicações selecionadas por Grover Zinn Jr., uma bibliografia, lista de colaboradores e índice. Entre os autores dos artigos encontramos nomes relacionados ao estudo medieval como

Barbara Newman, especialista em S. Hildegarda, Marcia Colish, Rachel Fulton Brown, Dominique Poirel, Dale M. Coulter e Boyd Taylor Coolman, que lançou em 2010 o reputado *The Theology of Hugh of St. Victor: An Interpretation*.

Como o próprio título da obra indica, este *Festschrift* procura aprofundar algo do antigo veio de sapiencialidade — a *sequela Christi* — e seu carácter inédito no século XII. De fato, o maior expoente da escola victorina, Hugo de St. Victor, afirma que o fim de toda a filosofia é o conhecimento do bem supremo, isto é, d’Aquele que criou todas as coisas (“*finis enim omnis philosophiae agnitio est summi boni, quod in solo rerum omnium factore situm est*”). Por isso, o título da presente obra “do conhecimento à bem-aventurança” dá a conhecer o processo de aperfeiçoamento humano protagonizado pela escola victorina,

que pretendia chegar pelo conhecimento (*knowledge*) à união com Deus (*beatitudo*).

Com efeito, a fundação da Abadia de São Victor, em 1108, marcaria um período de fervor intelectual no meio parisiense que, em parceria com outras escolas coetâneas, teria seu auge na fundação da Universidade de Paris. E se é verdade que esta escola espiritual produziria grandes místicos, não é menos verdadeiro que nela se formaram grandes intelectuais. Com efeito, em *Disdiscalicon*, obra de capital importância na literatura medieval de carácter pedagógico, Hugo de St. Victor definiria e seleccionaria todas as áreas de conhecimento vigentes na época, instituindo a lógica como primeiro requisito para a formação daqueles que iniciam o estudo da filosofia (*haec incohantibus philosophiam prima legenda est*). Hugo considerava as ciências necessárias no desejo de perfeição humana, seja no referente à vida terrena seja no que tange à vida eterna. Pode-se mesmo dizer que, em Hugo, a instrução — sobretudo a obtida pelas Sagradas Escrituras — é o remédio fundamental para a restauração do ser humano (*reparamur autem per doctrinam*). Por isso, como se afirma no prefácio da obra, o título *From Knowledge to Beatitude*, “ilustra a crença de Hugo de que o conhecimento que se oferece na sala de aula, apesar de essencial, era apenas o primeiro passo na longa caminhada em direcção à sabedoria” (p. xx), que é primeira entre todas as coisas que

devem ser procuradas (*omnium expetendorum prima est sapientia*). De modo geral, a Escola de St. Victor vê a “filosofia como um modo de viver” (Harkins, p. 104) e tem na busca da sabedoria o seu fim último.

Denominado pelos seus contemporâneos por *alter Augustinus*, Hugo parece ser, dentre os mestres da escola victorina, o que melhor concilia estas duas formas de conhecimento: o racional e o simbólico. Talvez seja por isso mesmo que ele foi para o seu século aquilo que S. Boaventura — também outro grande agostiniano, não de hábito mas de espírito — seria para o séc. XIII. Sem embargo, cumpre notar que tais traços não são característica única dessa escola parisiense, pois, se bem que num outro âmbito gnosiológico, elas podem ser notadas também em S. Hildegarda de Bingen, quem soube unir à *mística um vasto conhecimento* natural, sendo por tal motivo outra autora bastante abordada na obra aqui apresentada. Repare-se ademais como tal envergadura de pensamento ameaça deitar por terra a crença, hoje tão disseminada, de que a teologia mística e o conhecimento intelectual seriam aspectos antagónicos e mutuamente excludentes no âmbito do conhecimento humano. Após esta breve contextualização, analisemos sumariamente a obra em pauta.

Os ensaios englobam uma vasta variedade de estudos que vão desde a exegese de St. Victor, como não poderia deixar de ser, ao estudo paleográfico

de manuscritos (vejam-se os trabalhos de Catherine Delano-Smith e de Walter Cahn), a glosas medievais da Bíblia (Lesley Smith) e até à recepção cultural das mulheres místicas dos séculos XII e XIII, à temática da leitura e da pregação em St. Victor, e ainda à problemática das cruzadas (Jeremy Adams). Tal amplitude de assuntos requer, como se pode ver, um tratamento especial para cada caso, seja ele exegético, teológico, histórico ou filosófico. De fato, esta variada gama de abordagens ultrapassa largamente o restrito âmbito cultural do século XII. Talvez por isso, a obra não segue uma divisão temática restrita, o que tira, talvez, um pouco da uniformidade da obra.

Contudo, para melhor compreensão, os editores decidiram dividir o livro em quatro grupos: inicia-se com quatro ensaios que abordam especificamente aspectos do que chamam “cultura material” (*material culture*) da Abadia de St. Victor, seguidos de outros quatro que testemunham a vida e ensino na Paris do século XII, a pregação e o ensino dos cônegos, tendo sempre como pano de fundo a abadia victorina. Do primeiro conjunto destaca-se o artigo de Delano-Smith, de abordagem inovadora neste gênero de obras, que procura reconstituir os mapas e plantas na obra *In visionem Ezechielis* de Ricardo de St. Victor. A autora sublinha que, sem estes diagramas, não é possível compreender inteiramente a visão e intenção do escrito de Ricardo, tendo em conta a interpretação literal que ele faz da visão.

Há depois um terceiro conjunto de cinco ensaios onde se considera a espiritualidade e a aprendizagem do século XII em círculos já mais abrangentes, como, por exemplo, o que trata da teologia da Revelação em S. Hildegarda (Rachel Fulton Brown) ou outro que trata da troca de corações, abordando cartas de Heloísa e alguns escritos místicos de Helfta, nomeadamente de S. Gertrudes e S. Matilde de Hackeborn (Barbara Newman), ambas místicas de finais do século XIII. De referir ainda o artigo de Marcia Colish sobre a visão teológica dos autores medievais acerca da sindérese estoica, e a adaptação que fazem das noções concernentes ao tema da consciência.

Finalmente, os quatro últimos ensaios vão mais longe em suas questões e, em alguns casos, também na cronologia. Dois artigos expandem-se claramente além da medievalidade, como o que trata da edição no século XVI de *Scivias* de Hildegarda de Bingen, por Jacques Lefèvre d'Étaples, cujo título era *Liber trium virorum et trium spiritualium virginum*, escritor este que tenta resgatar a mística do século XII; um outro intitula-se *Heart Calls to Heart: The Importance of the Love between the Lover and the Beloved in The Mystical Ark and Wachet auf!*, que salienta a influência de autores do século XII na mentalidade luterana do século XVIII.

Em suma, a obra reúne uma coleção ampla de ensaios trabalhados por certo número de importantes estudiosos no

campo da teologia victorina do século XII e do pensamento místico medieval. Certo é que, tanto no conteúdo quanto na metodologia, este volume será de interesse para uma diversidade de estudantes e estudiosos da vida e do pensamento medieval, desde os historiadores de arte até aos que procuram temas de teologia e de espiritualidade. É somente

lamentável que os editores não tenham incluído uma abrangente lista de publicações de Zinn, como comumente se faz neste gênero de obras.

Jorge F. Teixeira Lopes, EP
(Professor – IFAT)

OSBORNE, Thomas M., Jr. *Human Action in Thomas Aquinas, John Duns Scotus & William of Ockham*. Washington, DC: Catholic University of America, 2014. xx+250p. ISBN 9780813221786.

Few areas of study are more complex than that of the human act, taking into account all its constitutive factors, both interior and exterior, from causation to moral value. Medieval Scholastic thought contributed much to the development of this topic in a climate of heightened emphasis on Moral Theology, with St. Thomas Aquinas, John Duns Scotus and William of Ockham standing out for the decisive influence of their doctrines. But despite their shared Aristotelian orientation, the theories of these Schoolmen only rarely overlap, offering more divergence than consensus on any given aspect of the human act. Thomas M. Osborne Jr., a specialist in Medieval and late Scholastic philosophy, accomplishes something of a feat, then, in bringing together the main lines of thought of these three figures on so vast a theme in under 250 pages of text, in his *Human Action in Thomas Aquinas, John Duns Scotus &*

William of Ockham. The work was published in 2014 by the Catholic University of America, and has been awarded the Charles Cardinal Journet Prize.

The author breaks up the human act thematically, taking his cues from the relevant questions in Part I-II of the *Summa Theologiae* (q. 6-21). Each topic then proceeds in a threefold exposition with the Dominican Aquinas opening the discussion, followed in chronological order by the Franciscans Scotus and Ockham — the latter a student, albeit an often dissident one, of the former. In analysing their respective positions, Osborne carefully demonstrates the disparities in their views, but is able, nonetheless, to identify a common thread that runs among them, distinguishing medieval from modern thought.

The first three chapters of this book could be said to provide a synthesis of Scholastic Moral Psychology. They concentrate on the subject of human action